

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MERTOLA

1

Arqueologia Medieval



EDIÇÕES AFRONTAMENTO



Capa e Design Gráfico: Gil Maia

Execução Gráfica: Edições-Afrontamento, Lda.

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda — Santa Maria da Feira

Periodicidade: Anual (Nº 1 Fevereiro / 1992; Nº 2 Fevereiro / 1993)

Preço de capa: Portugal — Esc. 3.500\$00; Espanha — PTE. 3.800\$00; Resto da Europa — PTE. 4.100\$00; Fora da Europa — 4.700\$00.

Edições Afrontamento, Lda — Rua Costa Cabral, 859 — 4200 Porto — Portugal — Telefones: (02) 489271, 494880 — Telefax: (02) 491777

SILOS 4 E 5 DE MÉRTOLA

UMA PROPOSTA DE DATAÇÃO DO ESPÓLIO CERÂMICO

SANTIAGO MACIAS

INTRODUÇÃO

As questões abordadas neste texto, situadas em torno da datação das cerâmicas do período islâmico, constituem, hoje em dia, um dos principais pontos de interesse da arqueologia medieval em Portugal, vertente de investigação que os trabalhos em curso em pontos fulcrais da presença do Islão no sul do país tem imposto, ao trazer à luz do dia um importante acervo de materiais que começam agora a ser publicados de forma sistemática.

A colecção cerâmica aqui apresentada foi exumada no Verão de 1986 de dois silos, num contexto perfeitamente selado, que nos forneceu um lote homogéneo de materiais, a partir do qual seleccionámos uma amostra de 70 peças e fragmentos para um trabalho de catalogação que tem por objectivo a apresentação de uma proposta de cronologia para algumas formas da cerâmica islâmica portuguesa.

1. ESCAVAÇÃO DOS SILOS

Durante os meses de Agosto e Setembro de 1986 procedeu-se, no Campo Arqueológico de Mértola, à escavação de uma vasta área, situada na encosta do castelo, contígua à "zona palatina". No mesmo local Estácio da Veiga tinha localizado, há mais de um século, vários mosaicos romanos (Estácio da Veiga,

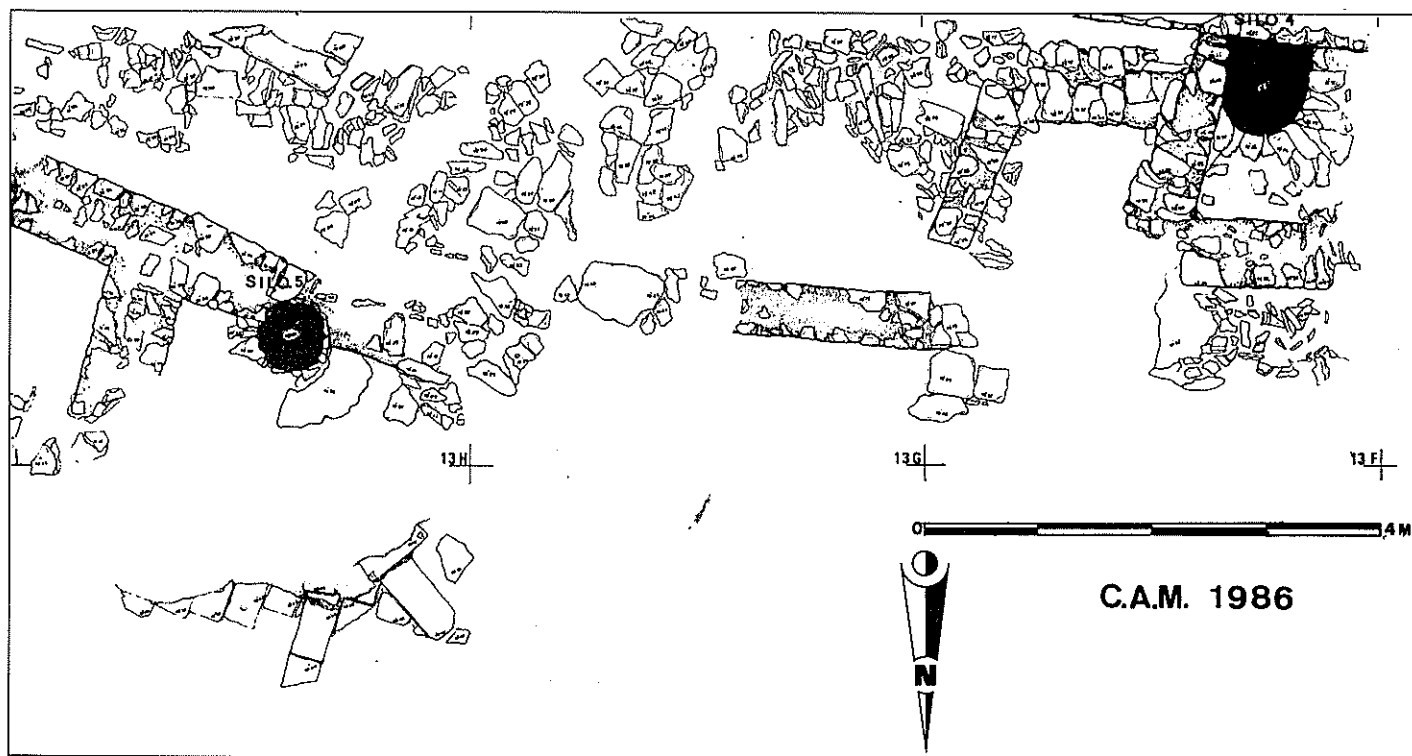
1880:74-75) num local de grande interesse potencial para o estudo da ocupação islâmica do povoado.

Na quadrícula 13 F (mapa I), durante o desenrolar dos trabalhos no nível Ic, correspondente ao estrato subjacente aos enterramentos pós-Reconquista, que devassaram durante vários séculos os terrenos em volta da mesquita cristianizada de Mértola, surgiu uma estrutura, com a cota 71,12 m., que a escavação viria a definir como silo 4. Pouco depois viria a ser detectado e escavado, na quadrícula 13 H, o silo 5, cotado a 69,69 m.

SILO 4

Forma ligeiramente abaulada, com uma profundidade de 1,80 m., largura máxima de 1,02 m., medindo 0,85 m. de boca (Fig.1).

A sua estrutura deve ter-se conservado quase intacta, sendo apenas admissível o desaparecimento de parte da boca, que talvez tenha



Mapa 1

vido um pouco mais estreita. A parte conservada, e o muro orientado a Nordeste na qual se enquadra, correspondem a uma estrutura habitacional posterior ao muro a Sul, no limite da quadricula, reaproveitado para a construção do silo. Esta estrutura reutilizada, em pedra aparelhada, tinha a protegê-la interiormente um fino reboco de calça, que não foi detectado nas outras paredes, igualmente de pedra, do silo.

SILO 5

Forma ligeiramente abaulada, com uma profundidade de 1,95 m., uma largura máxima de 0,94m e 0,68 m de boca (Fig.2).

Este silo, que deverá ser contemporâneo do nº4, uma vez que lhe está próximo tanto do ponto de vista técnico como estratigráfico, forneceu, para além de um abundante espólio cerâmico, dois cadinhos de ourives, objecto de análise separada

e cuja datação é certamente contemporânea das peças que aqui estudamos.

A capacidade destes silos ronda os 1020 l. para o nº4 e os 1240 l. para o nº5, números próximos dos indicados por Joaquim Viterbo para duas covas em Cuba, uma de três moios, outra de quatro (1080 l. e 1440 l. respectivamente), de acordo com um documento do séc. XIV (Joaquim Viterbo:142).

No interior dos silos havia diversos níveis, que nos dispensamos de especificar, uma vez que parece tratar-se de uma pseudo-estratigrafia, originada pelo seu entulhamento deliberado. De facto, o primeiro nível detectado no silo 4, com uma espessura que rondava os 50cm, era quase exclusivamente constituído por pedras de apreciáveis dimensões, fragmentos de telhas e tijolos, vestígios que foram depois dando lugar a outro tipo de achados, nos quais predominava o espólio cerâmico.

Parece-nos ociosa a procura de estratigrafias e o seu estudo comparado em silos, integrados, como estes, em habitações sujeitas a um rápido abandono e a entulhamentos, certamente efectuados num curto espaço de tempo, bem como a posteriores terraplanagens. Não faz sentido supor a existência de um silo abandonado em determinada época e usado como lixeira ao longo de vários séculos, durante os quais os vestígios de diferentes gerações se iriam paulatinamente sobrepondo.

O caso destes silos parece-nos sintomático: apesar de terem sido identificados "níveis" no seu interior, estes corresponderão a um enchimento de terras provenientes de diferentes zonas vizinhas, efectuado com poucos dias ou

semanas de diferença. Atesta esta asserção a homogeneidade cronológica dos materiais oriundos dos silos 4 e 5, que permite datar, em termos relativos, tanto o próprio silo como o nível de povoamento em que ele se insere, os quais se deverão situar entre meados do século XI e meados do século XII, época de apogeu político e económico de Mértola.

Torna-se impossível fazer uma abordagem mais precisa às condições de “habitat” nesta zona, dada a intensa ocupação humana que a zona da alcáçova de Mértola sofreu, bem como às perturbações que a utilização dessa área como cemitério, entre os sécs. XIV e XVI, provocou. Ao contrário do que sucede noutros níveis da escavação, onde sólidas construções de época romana (com utilização ininterrupta até ao período califal) permitem delinear com alguma clareza os espaços e as funções da zona palatina, as ocupações posteriores ao séc. XI revelam um confuso emaranhado de muros, pavimentos e destruições que não permitem obter uma leitura completa da habitação ou da relação existente entre os diferentes espaços de uma casa.

A escavação destes silos não pode, dadas as circunstâncias, fornecer-nos dados concretos sobre os tópicos acima referidos, limitando-se a indicar-nos pistas sobre os utensílios domésticos utilizados, pelo menos, na época do seu abandono, o que nos permite afinar cronologias sobre os materiais dos períodos em estudo.

2. ESTUDO DOS MATERIAS

2.1 Metodologia

O espólio recolhido durante a escavação foi posteriormente objecto de uma triagem que resultou na classificação de 88 fragmentos cerâmicos do silo 4 e 177 do silo 5 e na fichagem de 70 peças e fragmentos.

QUADRO 1. Números globais

	SILO 4	SILO 5
Fragmentos	336	782
Fragmentos classificados	88	177
Peças e fragmentos publicados	21	49
Totais	445	1008

QUADRO 2. Fragmentos classificados

	SILO 4	SILO 5
Bordos	23	57
Fundos	39	84
Asas	26	36

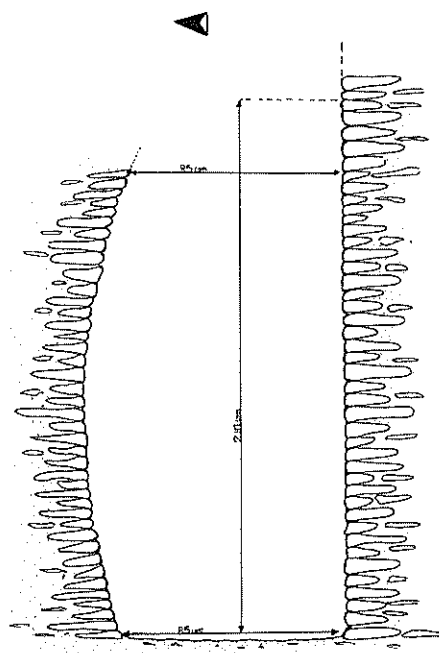


FIG. 1: SILO Nº 4

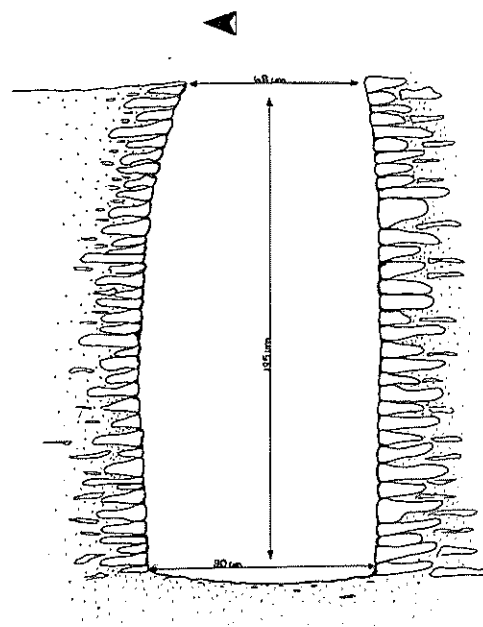


FIG. 2: SILO Nº 5

QUADRO 3. Peças e fragmentos classificados (por tipos)

SILO 4

Louça de cozinha: 57,1% (12 peças)
Vasilhas de armazenamento: 23,8% (5 peças)
Louça de mesa: 9,5% (2 peças)
Outros materiais: 9,5% (2 peças)

SILO 5

Louça de cozinha: 20,4% (10 peças)
Vasilhas de armazenamento: 24,5% (12 peças)
Louça de mesa: 44,9% (22 peças)
Contentores de fogo: 8,1% (4 peças)
Outros materiais: 2% (1 peças)

QUADRO 4. Peças e fragmentos classificados (por funções)

	SILO 4	SILO 5
Louça de cozinha	12 (57,1%)	10 (20,4%)
Panelas	8	7
Caçoilas	2	1
Testos	2	1
Frigideiras	1	
Vasilhas de armaze.	5(23,8%)	12(24,5%)
Talhas	1	1
Cantaros	3	11
Pote	1	
Louça de mesa	2 (9,5%)	22 (44,9%)
Bilhas	1	4
Tigelas	1	11
Escudelas		1
Aguamanil		1
Jarrinhas		4
Tampa		1
Contentores de fogo		4(8,1%)
Candis		4
Outros materiais	2(9,5%)	1(2 %)
Biberão	1	
Pedras de jogo	1	1

Para além deste aspecto meramente quantitativo, outro tipo de questões se nos punham:

1. Tipo de ficha a utilizar na análise dos materiais
2. Terminologia a aplicar na classificação e descrição das peças

Em relação ao primeiro ponto, adoptaram-se, nos catálogos do Campo Arqueológico de Mértola, como base de trabalho, as fichas utilizadas por Bazzana nos catálogos de Valência (André Bazzana, 1983), bem como as de Julio Navarro, no trabalho sobre a cerâmica islâmica de Murcia (Julio Navarro, 1986), ainda que com uma alteração de fundo: os itens referentes a tipo e função. Como tipo entende-se a divisão em quatro sectores fundamentais (sendo, no entanto, de considerar a elaboração de uma lista mais exhaustiva): louça de cozinha, louça de mesa, vasilhas de armazenamento e contentores de fogo, por oposição à velha classificação formas abertas/formas fechadas, que neste momento deixou, em parte, de se justificar. A função diz respeito à tradicional classificação morfológica.

O problema da terminologia, questão antiga mas longe de se encontrar esgotada, foi aqui resolvido por duas vias.

Para as tipologias das peças recorreu-se aos termos utilizados em Espanha, a partir, sobretudo, dos trabalhos de Rosselló-Bordoy (1978) e André Bazzana (1979 e 1980), com correspondência em Portugal, tomando igualmente em linha de conta as realidades regionais e locais.

Os termos adoptados na descrição da morfologia das peças resultaram da síntese de três fontes: os trabalhos de Bazzana sobre o Levante (André Bazzana, 1979 e 1980), um estudo acerca da cerâmica de Conímbriga (Jorge Alarcão, 1975:19-38) e um texto sobre uma estação da Idade do Ferro do Sul de Portugal (Caetano Beirão, 1985), bases de trabalho de grande interesse para o estudo e descrição das cerâmicas do período medieval.

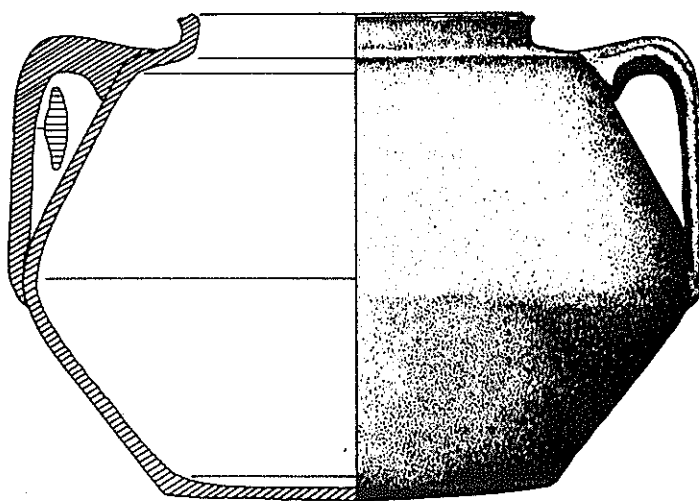


FIG. 3

0 5

3. ANÁLISE TIPOLOGICA

A análise destes materiais foi marcada por duas circunstâncias: por um lado, a heterogeneidade de formas em cada um dos tipos registados; por outro, a procura de datação e classificação das peças a partir do estabelecimento de paralelos com outros exemplares provenientes de escavações realizadas em toda a Península Ibérica.

Louça de cozinha

Neste conjunto de louça foi identificado um grupo predominante, o das panelas (13 peças), no qual têm presença de relevo as peças de bojo globular, com ou sem asas, com 9 exemplares. O facto de pertencerem ao lote de cerâmica comum, com longa permanência nos hábitos da vida doméstica peninsular, torna difícil a sua datação.

A nº 1, do silo 4 (Fig.3), tem paralelos com peças do grupo 2 de Calatalifa, possivelmente pertencente a uma cronologia antiga (Manuel Retuerce, 1984:133) e do qual a nossa peça parece ser uma forma evoluída. A nº 2 (Fig.4), também do silo do silo 4, é idêntica a outra já publicada, proveniente de uma ocupação do séc. XI da alcáçova de Badajoz (Fernando Valdés, 1985:151), cronologia a que o conjunto de materiais dos silos 4 e 5 se parece adequar.

A restantes peças (caçoilas, testos e frigideiras) permanecem até ao momento como testemunho único desta ocupação humana.

Louça de mesa

Na louça de mesa têm um peso significativo as tigelas em verde e manganés,

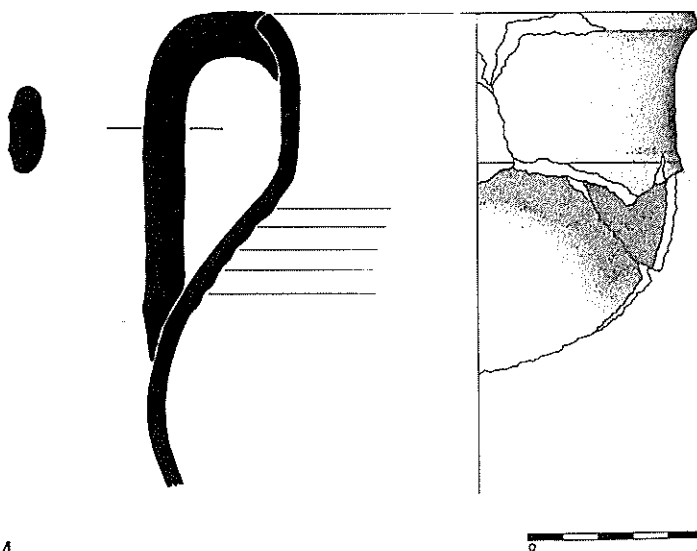


FIG. 4

pertencendo três delas ao tipo I de Rosselló - Bordoy (1978:17-18 e 23), forma também detectada em peças de Serpa (Manuel Retuerce, 1986 b:87) e outras três a uma variante desse mesmo tipo, caracterizada pelo bordo com uma pequena dobra levemente descaída, registado também em tigelas califais de Vilamoura (José Luis de Matos, 1983).

Os temas decorativos são dificilmente perceptíveis, embora na peça nº 40 (Fig.5) se identifiquem as palmetas digitadas.

A este grupo pertencem ainda dois fragmentos de corda seca total: um proveniente de uma grande tigela carenada (Fig.6) outro de uma tigela com decoração radial (Fig.7) semelhante às peças CR/CS 14,15 e 18 do Campo Arqueológico de Mértola, publicadas por Cláudio Torres (1986:193-228) e com uma cronologia situada nos sécs. XI-XII. Os problemas postos pela decoração levam-nos a considerar todo este lote como ainda relativamente próximo do mundo califal: o cordão torço de uma bilha (peça nº 54, Fig.8) v. Bazzana, 1980:15) ou a decoração reticulada pintada com engobe branco (peça nº 55, Fig.9) têm normalmente uma cronologia que entra sem dificuldade pelo séc. XI; as circunstâncias especiais em que se nos deparam estes conjuntos de peças levam-nos, porém, a admitir a utilização destes artefactos para além do quadro cronológico em que normalmente são incluídos.

Vasilhas de armazenamento

Neste conjunto, extremamente variado do ponto de vista tipológico, sobressai um fragmento de uma grande talha (peça nº 24, Fig.10) no qual se identifica como elemento decorativo estampilhado uma folha trilobulada muito estilizada, vaga reminiscência do pântano clássico. Na mesma peça identifica-se um anel com embocadura, donde sai um tema decorativo bifurcado, elemento também

presente nos gessos da Aljaferia de Zaragoza, datados do séc. XI (Christian Ewert: 32,43 e fig.92).

Os gargalos de cântaro deste grupo são marcados por uma notória heterogeneidade. Os mais marcantes dentre eles apresentam pinceladas de engobe branco sobre a pasta vermelha, toque decorativo aparentemente de cariz regional (Fig.11).

Contentores de fogo

As peças pertencentes a este grupo resumem-se a dois bocais de candil, de datação impossível de determinar, e a uma câmara candil decorada com vitrado melado e traços de manganés, de forma bi-troncocónica, o que a integra no tipo 4 de Rosselló-Bordoy (1978:51), de cronologia califal (Fig.12).

CONCLUSÃO

A datação de algumas formas, por comparação com peças conhecidas e tipologias aceites, conduziu-nos a uma balizagem cronológica que se deverá situar entre meados do séc. XI e meados do século XII, ideia reforçada pelos motivos que de seguida aduzimos:

1. O apogeu de Mértola como centro político e económico, processo de ascensão que se inicia com a fragmentação do califado e tem o seu ponto mais alto com o reinado de Ibn Caci (1144/539 H), espaço temporal comprovado estratigraficamente pela escavação.

2. A presença simultânea de vestígios relacionados com o mundo califal e com técnicas que normalmente são apontadas como posteriores a essa época, como o verde e manganés e a corda seca total (técnicas para as quais se começa hoje, de resto, a admitir uma utilização temporal mais alargada).

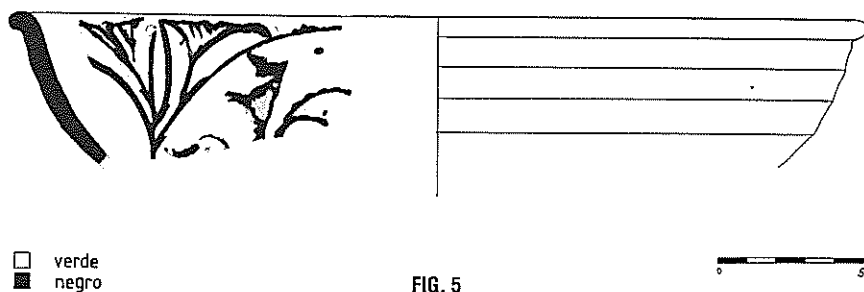


FIG. 5

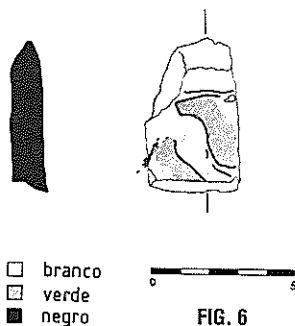


FIG. 6

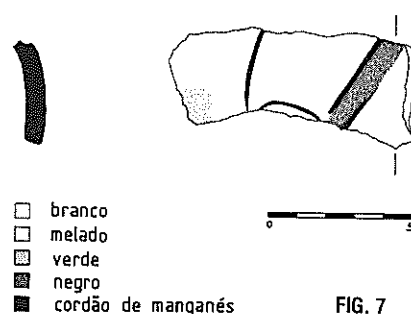


FIG. 7

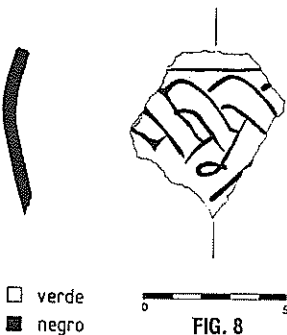


FIG. 8

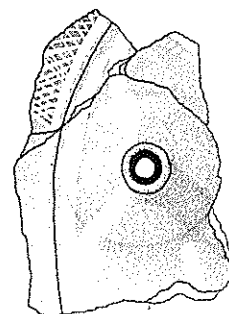


FIG. 9

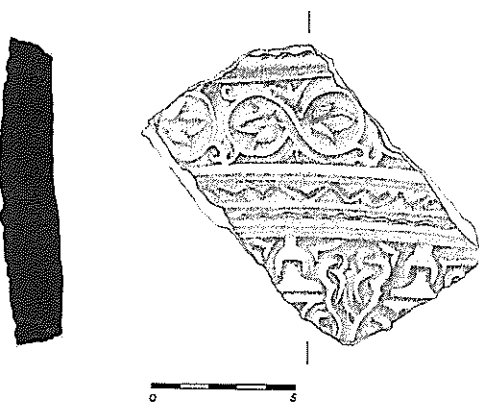


FIG. 10

Parece-nos ainda importante integrar este lote de peças num contexto de produção regional: se podemos admitir a importação de cerâmicas dos grandes centros de produção peninsulares (Almería, Sevilha ou Málaga), de onde terão vindo as luxuosas tigelas estampilhadas ou as tigelas decoradas com óxidos de cobre e manganês, julgamos dever sublinhar a existência de produções de carácter local ou regional, pressentida na proximidade decorativa das peças encontradas em Mértola, Silves ou Vilamoura, mas nunca estudada de forma sistemática.

Janeiro de 1988

Desenhos de Ana Mira, Carlos Rico e Celeste Menezes.

BIBLIOGRAFIA

- AGUADO, José, 1983, *La cerámica hispanomusulmana de Toledo*, Madrid, C.S.I.C. 1988
- ALARCÃO, Jorge de, 1975, *La céramique commune locale et régionale in "Fouilles de Conimbriga"*, vol.V.
- BAZZANA, André, 1979, «Les céramiques médiévales: les méthodes de la description analytique appliquées aux productions de l'Espagne orientale» in *Mélanges de la Casa de Velasquez*, t.XV, pp.135-185.
- BAZZANA, André, 1980, «Les céramiques médiévales: les méthodes de la description analytique appliquées aux productions de l'Espagne Orientale», in *Mélanges de la Casa de Velasquez*, t. XVI, pp.57-95.
- BAZZANA, André, 1983, *La cerámica islámica en la ciudad de Valencia*, vol.I Catálogo, Valencia, Ayto de Valencia.
- BEIRÃO, Caetano de Mello et alii, 1985, «Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão» in *O Arqueólogo Português*, Série IV, vol.III, pp.45-135.
- EWERT, Christian, *Hallazgos islámicos en Balaguer y la Aljaferia de Zaragoza*, s.l; Ministerio de Educacion y Ciencia.
- MATOS, José Luis de, 1983, «Malgas árabes do Cerro da Vila» in *O Arqueólogo Português*, Série IV, vol.I, pp.375-390.
- MATOS, José Luis de, 1986, «Ceramique musulmane du sud de Portugal» in *Segundo Colóquio de Cerámica Medieval en el Mediterraneo Occidental*, Madrid, pp.149-154.
- NAVARRO, Julio, 1986, *La cerámica islámica en Murcia*, vol. I, Catálogo, Murcia, Ayto. de Murcia.
- RETUERCE, Manuel, 1984, «La cerámica islámica de Calatalifa. Apuntes sobre los grupos cerámicos de la Marca Media» in *Boletín del Museo Arqueológico Nacional (Madrid)*, II, pp.1 17-136.
- RETUERCE, Manuel e ZOZAYA, Juan, 1986 a, «Variantes geográficas de la cerámica omeya andalusí: los temas decorativos» in *La ceramica medievale nel Mediterraneo Occidentale*, Firenze, Edizione All'Insegna del Giglio, pp.69-128.
- RETUERCE, Manuel, 1986 b, «Cerámica islámica de la Cidade das Rosas, Serpa (Portugal)» in *Segundo Coloquio de Cerámica Medieval en el Mediterraneo Occidental*, Madrid, pp.85-92.
- ROSSELLÓ-BORDOY, Guillermo, 1978, *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe de Mallorca*, Palma de Mallorca, Diputacion Provincial de Baleares.
- TORRES, Cláudio, 1986, «Um lote cerâmico da Mértola islâmica» in *Actas del I Congreso de Arqueología Medieval Española*, T. IV, Zaragoza, Diputacion General de Aragon, pp.193-228.
- TORRES, Cláudio, 1987, *Cerâmica islâmica portuguesa*, Campo Arqueológico de Mértola.
- VALDES, Fernando, 1985, *La alcaaba de Badajoz*, Ministério de Cultura.
- VEIGA, Sebastião Estácio da, 1880, *Memória das antiguidades de Mértola*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidário das palavras, termos e frases*, vol.II, Lisboa, Liv. Civilização.

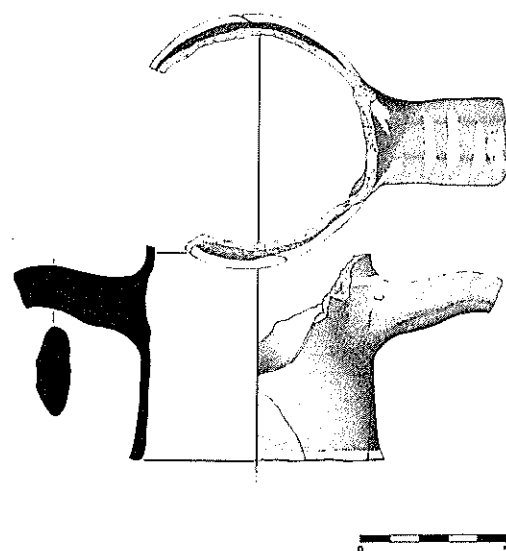


FIG. 11



FIG. 12

□ melado
■ negro